

PAISAGENS E PATRIMÓNIOS. NOVOS CAMINHOS PARA OS TERRITÓRIOS RURAIS

A Experiência de uma Associação de Desenvolvimento Local no Alentejo

Catarina Oliveira*

MARCA - Associação de Desenvolvimento Local de Montemor-o-Novo

Largo General Humberto Delgado n.º 7, 1.º, Apartado 188

7050-014 Montemor-o-Novo

Tel./fax: 266 891 222

E-mail: marca.adl@mail.telepac.pt

RESUMO

Dois tipos de processos de construção cultural operam hoje no território rural: o da construção da paisagem e o da construção do património. Os novos usos dos territórios rurais integram-se actualmente num processo mais amplo que designamos por patrimonialização, pelo qual os bens e espaços ligados à ruralidade - os que beneficiam de maior poder evocativo - são promovidos à categoria de património. A produção artesanal de objectos, os saberes-fazer ligados à construção, as práticas agrícolas que historicamente desenham as paisagens, são alguns dos actos performativos que integram os processos de patrimonialização dos territórios rurais. Encontramo-nos perante uma reinvenção do rural, através da qual se recompõe o passado a partir do presente conferindo novas definições aos campos, num jogo subtil entre o local e os anseios da sociedade global.

Nesta comunicação pretende-se reflectir sobre as novas vias para o desenvolvimento dos territórios rurais, ligadas à diversificação de actividades e à inovação, e sobre os processos recentes de patrimonialização das paisagens. Estas questões serão discutidas tendo por referência um concelho no Alentejo e a experiência de uma Associação de Desenvolvimento Local.

Em Montemor-o-Novo, um território ainda identificado com práticas e valores do mundo rural, a construção de caminhos alternativos para o desenvolvimento tem passado pela valorização dos recursos locais e por uma reflexão em torno da possível revitalização social e económica de produtos e actividades tradicionais, conferindo-lhes novas valências adequadas ao contemporâneo.

A partir de valores culturais e ambientais da região (um telheiro - unidade tradicional de produção de materiais cerâmicos para a construção, os brinquedos populares, as plantas medicinais e a paisagem rural) a MARCA-ADL tem procurado criar novas dinâmicas de desenvolvimento. Património e paisagem têm sido as matérias-primas a partir das quais, ao longo dos seus sete anos de actividade, tem construído o seu percurso. A sua intervenção tem procurado um diálogo de valores e sistemas identitários entre a tradição e a modernidade, na definição de um modelo de desenvolvimento local qualificado e inovador.

PAISAGEM E PATRIMÓNIO RURAL: VELHAS E NOVAS FUNÇÕES

"Em meados deste século, a agricultura e a sociedade rural alcançavam a sua maior expressão demográfica, e a vida das aldeias e lugares assentava na população agrícola, que se havia apropriado de todo o espaço disponível. Não havia mais incultos por aproveitar. A agricultura, a sociedade rural e o espaço trilhavam destinos coincidentes. Quarenta anos depois, a agricultura já não unifica a sociedade rural com todo o território não urbano. (...) A agricultura, o espaço e a sociedade rural têm agora, caminhos dissociados." (BAPTISTA 1996: 36)

A vida de grande parte da população do Alentejo encontrava-se até há pouco ligada à agricultura, especialmente ao ciclo do cereal. Os ritmos de trabalho, descanso e festa eram ditados pelas tarefas agrícolas. A experiência de comunidade estava intimamente ligada aos lugares, a uma vida social ritualizada pelas relações de parentesco, trabalho, troca e vizinhança.

A configuração actual da paisagem rural resulta da estrutura fundiária e regimes de exploração da terra integrantes do processo histórico do latifúndio, assim como das grandes mudanças verificadas a partir das décadas de 60 - 70.

Hoje a paisagem exhibe marcas de transformações recentes no tecido social alentejano e na ocupação e utilização do território rural. A mobilidade crescente de pessoas e formas de estar, está na origem de um mais denso espaço físico e social onde se encontram novas relações entre local e global e se articulam lógicas tradicionais e modernas de organização territorial.

Segundo Teresa Pinto Correia *"As características que asseguravam o carácter de uma determinada paisagem foram desaparecendo progressivamente, numa tendência geral para a simplificação e homogeneização das paisagens e para a perda das suas características intrínsecas."* Mas *"ao mesmo tempo que o carácter de cada paisagem se vai desvanecendo, vai aumentando o interesse e procura da paisagem rural por outros utilizadores que não a comunidade que nela vive ou viveu."* (CORREIA 2004: 8)

A actividade agrícola não ocupa já a maioria da população e os campos antes trabalhados - paisagens de expressão rural, mas sem ruralidade - têm agora outros destinos e usos. Se no Alentejo o padrão tradicional da paisagem se tem mantido, com o montado associado a manchas de olival, vinhas, pomares e hortas, como uso predominante do solo, à tradicional função agrícola das áreas rurais juntam-se actualmente funções de conservação da natureza e valorização ambiental, promoção de

produtos artesanais, segunda residência, lazer e recreio, turismo cultural e de natureza associado a actividades pedagógicas e passeios no campo.

A par do reconhecimento da sua multifuncionalidade - produção (qualidade e diferenciação); preservação dos recursos naturais; conservação da natureza; manutenção da identidade e património cultural, recreio e turismo, qualidade de vida - paisagem é hoje também reconhecida como elemento central no ordenamento do território, no desenvolvimento local e na valorização patrimonial e turística. A *Convenção Europeia da Paisagem* (Florença, 2000) reconhece a paisagem como componente do património cultural e natural, importante para a definição das culturas locais e consolidação da identidade europeia, sendo também elemento fundamental para a qualidade de vida das populações. Também a *European Spatial Development Perspective* (1999) reconhece que o património cultural da Europa - das paisagens culturais das áreas rurais aos centros históricos das cidades - é expressão da sua identidade. As paisagens culturais contribuem pela sua originalidade para a identidade local e regional e reflectem a história e a interacção entre o homem e a natureza, pelo que se tem apelado à sua protecção e gestão adequada e criativa, associando novos actores e utilizadores, com vista a um desenvolvimento sustentável.

A REINVENÇÃO DO RURAL

"Para aqueles que já não possuem nem território nem identidade social própria, a única possibilidade que continua aberta é a da reconstrução de "raízes", de um espaço compensatório fictício no passado, uma pseudo-topia, numa tentativa de aí recriarem artificialmente as diferenças que o presente já não tolera. O passado, como a ecologia, torna-se um valor-refúgio."
(GUILLAUME 2003: 41)

A ruralidade tem sido o espaço onde, hoje, muitos procuram *valores-refúgio* e reconstróem as suas raízes e identidade.

Dois tipos de processos de construção cultural operam hoje no território rural: o da construção da paisagem e o da construção do património (SILVANO 2003: 130-131). Os novos usos dos territórios rurais integram-se actualmente num processo mais amplo que designamos por patrimonialização, pelo qual os bens e espaços ligados à ruralidade - os que beneficiam de maior poder evocativo - são promovidos à categoria de património.

A produção artesanal de objectos, os saberes-fazer ligados à construção, as práticas agrícolas que historicamente desenham as paisagens, são alguns dos actos performativos que integram os processos de patrimonialização dos territórios rurais. Encontramo-nos perante uma reinvenção do rural, através da qual se recompõe o passado a partir do presente conferindo novas definições aos campos, num jogo subtil entre o local e os anseios da sociedade global.

Vítor Oliveira Jorge refere-se a uma avidez de patrimonilização, um movimento voraz, que tende a abarcar tudo do ambiente aos edifícios construídos, do material ao imaterial, ao incorpóreo como sejam as próprias pessoas, suas vidas, crenças, histórias, costumes... (JORGE 2003: 154)

E falar de patrimonialização equivale a falar de representatividade social, uma vez que a convocação do passado integra os processos de afirmação identitária. Para uma determinada comunidade convocar o seu passado e o seu património é exercer um certo tipo de poder simbólico, mas também político e económico, atendendo aos novos consumos culturais que se desenham na actualidade (SILVANO 2003: 130).

Estas representações do espaço rural, suas paisagens e patrimónios, podem traduzir-se na abertura de novas vias para a identificação de recursos, e em potencialidades e oportunidades para a realização de ideias e projectos de desenvolvimento. Mas devemos também estar conscientes das múltiplas questões que levantam na sua formulação e prática (efectiva complementariedade com actividades agrícolas, enraizamento e participação local), e dos riscos que comportam, associados a abordagens saudosistas do passado, folclorização do património e manipulação pelas esferas de poder.

UM TERRITÓRIO RURAL À PROCURA DE NOVOS CAMINHOS. A EXPERIÊNCIA DE UMA ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL

Se este processo de patrimonialização estimula a intervenção de agentes de desenvolvimento local, e propicia novas possibilidades de desenvolvimento com base na valorização dos recursos, como se situam e articulam, neste contexto, as esferas de poder e os vários agentes?

Neste processo de busca de alternativas para o desenvolvimento dos territórios, a sociedade civil tem desempenhado nos últimos anos um papel importante. Algumas associações de desenvolvimento local têm-se revelado verdadeiros espaços de integração, inclusão e envolvimento de novos actores (internos ou externos à comunidade), portadores de novas vontades e conhecimentos para a inovação.

A MARCA-ADL é uma associação privada sem fins lucrativos, que visa o desenvolvimento qualificado do concelho de Montemor-o-Novo através da promoção de acções na área sócio-cultural e científica, preservação ambiental, valorização do património cultural e apoio à iniciativa empresarial.

Ao longo dos seus sete anos de actividade, tem defendido uma perspectiva de desenvolvimento sustentável e inovador que integre de forma complementar a dimensão económica, social e a protecção do ambiente, que faça acompanhar a prática dos agentes da reflexão, investigação e actualização de conhecimentos e que se afirme por uma gestão qualificada dos recursos locais e valorização do território.

Têm sido orientações estratégicas da Associação:

1. A qualificação de recursos humanos, quadros técnicos e agentes de desenvolvimento.

Para além da promoção de iniciativas de desenvolvimento local, a MARCA-ADL tem considerado fundamental criar espaços de reflexão sobre as questões do desenvolvimento e condições para a qualificação da acção dos agentes. Numa linha de investigação-acção, destaca-se a organização da *Universidade de Verão de Montemor-o-Novo* entre 1999 e 2001, constituída como uma rede de Universidades e Centros de Investigação de Portugal, Espana e Itália. As três edições da Universidade de Verão entre 1999 e 2001, orientaram-se para a análise e reflexão sobre a questão das identidades locais e estudo dos efeitos da globalização no local e das práticas de desenvolvimento, numa perspectiva interdisciplinar. A matriz diferenciadora deste projecto estruturado a partir de uma problemática central - a relação entre identidades locais e a globalização - residiu sobretudo na busca de uma consciência fundamentada para problemas comuns e sobretudo influenciadora de práticas adequadas de desenvolvimento nas quais os valores culturais e identitários sejam previamente compreendidos e inseridos enquanto elementos essenciais de criação de futuro.

A *formação profissional* (para a qual a MARCA-ADL está credenciada pelo INOFOR) tem sido prioritariamente dirigida a grupos desfavorecidos com vista ao aumento de competências, promoção de emprego, estímulo à iniciativa e inovação e reformulação de saberes e práticas tradicionais (telheiro, brinquedos populares, cozinha tradicional alentejana, empreendedorismo e iniciativa empresarial). Com vista à qualificação de quadros técnicos, no sentido de melhorar o desempenho dos agentes de desenvolvimento, tem organizado também diversas acções de formação para activos.

2. A construção de um trabalho em ampla parceria e com o envolvimento da comunidade local, com vista à construção de uma cidadania activa e informada envolvendo a sociedade civil na discussão de propostas para o desenvolvimento do concelho.

O trabalho nesta área consolidado com os projectos Monte Maior (2001-2002) e Além Monte (2003-2004) em ampla parceria com instituições concelhias tem-se estruturado em acções de participação comunitária, melhoria de competências e formação e qualificação de agentes de desenvolvimento. Através de uma aproximação à população e instituições locais, procura-se responder às efectivas necessidades do território, contribuir para a integração social e abranger públicos diversificados: crianças, jovens, estudantes, desempregados, activos empregados, idosos, técnicos e agentes de desenvolvimento local.

Também com a organização periódica dos *Encontros de Projectos Locais*, se tem procurado, a um outro nível, criar espaços de reflexão enquadramentos da acção das IDL. A última de três edições, em 2003, debruçou-se sobre a "*Inovação em Espaço Rural: O Contributo dos Projectos Locais*". Pretendeu-se discutir e reflectir sobre o tema e, através da apresentação de boas práticas, estimular a iniciativa local, a acção criativa dos agentes no território, a partilha de informação e a eventual criação de articulações entre projectos.

Na área ambiental e da eco-cidadania, a associação, equiparada a ONGA - Organização Não Governamental de Ambiente, desenvolve acções anuais de educação ambiental com as escolas do concelho (sobre o Lince-Ibérico, Morcegos, Montado), promove encontros, sessões de esclarecimento; organiza acções de formação na área agrícola; e contribui para a divulgação dos recursos ambientais e valorização da paisagem com a organização de percursos pedestres e edições como o *Guia Ambiental dos Sítios de Cabrela e Monfurado* e o livro *Ervas, Usos e Saberes. Plantas Medicinais no Alentejo e Outros Produtos Naturais*.

3. A valorização dos recursos locais e criação de dinâmicas de desenvolvimento inovadoras a partir dos valores culturais e ambientais da região (património, paisagem, actividades e saberes tradicionais,...).

A experiência da associação tem permitido avaliação das potencialidades locais para o desenvolvimento. A diversidade paisagística, a riqueza e a representatividade dos valores ambientais e do património cultural são condições propiciadoras. A Serra do Monfurado e o sítio de Cabrela (integrados na Rede Natura 2000), com extensos montados de sobro e azinho, a diversidade paisagística, a intensa presença megalítica, monumentos de todas as épocas com destaque para numerosas igrejas e conventos, a arquitectura popular, oferecem atractivos e um potencial de desenvolvimento qualificado.

Em Montemor-o-Novo, um território ainda identificado com práticas e valores do mundo rural, a construção de caminhos alternativos para o desenvolvimento tem passado por uma investigação

científica séria sobre os recursos ambientais e culturais do meio, sua valorização, e por uma reflexão em torno da possível revitalização social e económica de actividades tradicionais e produtos locais, conferindo-lhes novas valências adequadas ao contemporâneo. Tradição, património, paisagem, têm sido as matérias-primas a partir das quais a MARCA-ADL tem construído o seu percurso. Enquanto acto de transmissão que transporta o passado para o presente (como a etimologia da palavra nos ensina), a *tradição* traz-nos os elementos pretéritos com que exploramos novas alternativas para o desenvolvimento ligadas à *inovação* e *diversificação*.

MEMÓRIAS PASSADAS, PRÁTICAS PRESENTES

No âmbito desta última orientação estratégica, a MARCA-ADL tem procurado criar novas dinâmicas de desenvolvimento partir de recursos e valores culturais e ambientais da região: um telheiro - unidade tradicional de produção de materiais cerâmicos para a construção, os brinquedos populares, a paisagem rural e as plantas medicinais.

É certo que, em meados do séc.XX, com a industrialização, e a generalização do uso do betão e de materiais de construção industriais, os materiais e técnicas de construção tradicionais foram sendo abandonados. No entanto, devido à fraca industrialização e decréscimo populacional, a paisagem alentejana é ainda hoje marcada pelas arquitecturas da terra (taipa e tijolo burro) e da cal. Práticas em abandono, mas memórias ainda vivas que possibilitaram e têm enquadrado a reactivação de actividades tradicionais, como aconteceu no **Telheiro na Encosta do Castelo de Montemor-o-Novo** - uma unidade de produção artesanal de cerâmicas para construção (tijolo burro, tijoleira) onde se preservam as técnicas artesanais e se utilizam as terras argilosas da região.

À semelhança de muitos outros que existiam na região, o telheiro é constituído por uma área plana em terra batida, a eira, onde a partir de formas de madeira, os tijolos e outros materiais são fabricados e secados ao sol. Passam depois para um forno de secção quadrada, de "tiro directo" onde são cozidos - o forno à Portuguesa.

O Telheiro da Encosta do Castelo foi identificado em 1991 na sequência de um estudo realizado sobre telheiros. O processo de reactivação iniciou-se em 1995. Gerido pela MARCA desde 1997, a actividade estrutura-se em 3 eixos.

A componente de *produção de materiais de construção tradicionais* é assegurada por uma equipa de jovens profissionais, e orientada pelo Mestre Bernardino Cantanhede, que na juventude trabalhou no telheiro, tendo sido o principal informante para a recuperação da actividade. A produção no Telheiro

organiza-se em dois períodos: A época quente e seca, de Abril a Outubro, corresponde à actividade tradicional. O trabalho desenvolve-se na eira produzindo a obra grossa: tijolo burro e tijoleiras e restantes materiais para a construção, secos ao sol e cozidos em fornos a lenha; A época das chuvas, de Março a Abril, corresponde a uma nova vertente, dedicada à produção de materiais cerâmicos decorativos com vidrados e engobes, para pavimentação e revestimento de interiores e exteriores, inspirados em motivos do património artístico da região. Os materiais produzidos no telheiro constituem no seu conjunto uma oferta de materiais genuínos, representativos do património cultural do Alentejo, de qualidade e interesse para a recuperação de montes, edifícios históricos e novas propostas na arquitectura contemporânea com ligações ao tradicional.

No sentido de assegurar a continuidade da actividade, têm-se organizado cursos de *formação profissional* para jovens, contribuindo assim também para a integração social e promoção de emprego. O projecto associa ainda uma terceira vertente na área das *artes plásticas* ligando as técnicas e materiais tradicionais à produção artística contemporânea. Com acções na área artística - Simpósios de Escultura em Terracota, estágios de artistas plásticos, ... - pretende-se dinamizar um espaço que se deseja aberto a outras iniciativas e públicos e diversificar e renovar as técnicas e produtos.

As novas questões ligadas às técnicas e materiais tradicionais que se levantam na recuperação de edifícios antigos nos centros históricos e zonas rurais, e as crescentes preocupações na área da construção sustentável, têm motivado e sustentado a recuperação desta actividade tradicional que se encontrava extinta no concelho.

Com os **Brinquedos Populares**, partindo da investigação em torno de uma colecção etnográfica local, a MARCA acreditou ser possível criar dinâmicas de desenvolvimento, tornando-os elementos identificadores do património cultural da região, objectos de "marca" de um território.

Construído com materiais existentes no meio natural (madeira, cortiça, cana, lã, barba de milho, bugalhos, bolotas, palha) e doméstico (trapos, botões, arames, latas), o brinquedo popular está profundamente ligado às matérias disponíveis no meio, aproveitadas em contextos de pobreza e escassez de bens ("*a necessidade faz o engenho*"), e transformadas com recurso a técnicas de produção essencialmente manuais. Ao nível da representação estes objectos remetem para um tempo passado. São objectos que nos falam sobre as pessoas que os conceberam, construíram e utilizaram e sobre o meio, a paisagem onde nasceram. Lembram estórias vividas e estórias contadas.

A urgência de preservar um elemento fundamental do património cultural da região; a dinâmica e interesse suscitados pelo trabalho de recolha/investigação/exposição anteriormente desenvolvido; o

potencial económico que acreditávamos terem os brinquedos populares como objectos lúdicos, e com novas valências didácticas e artesanais; e a necessidade de renovação do nosso artesanato (na sua maioria estereótipos que já pouco remetem para o meio e comunidade que os constrói) numa procura de autenticidade e genuinidade, estiveram na origem da ideia de reproduzir e comercializar estes objectos lúdicos.

A MARCA - ADL, procurou assim criar condições para a formação na região de uma equipa vocacionada para a produção de brinquedos populares. Para o efeito candidatou e organizou dois cursos de formação profissional em freguesias rurais do concelho, com o apoio do Fundo Social Europeu. Os cursos contaram com vertentes de formação teórica e prática orientada para a produção de brinquedos em trapo, madeira, cortiça, cana e arame. No seguimento deste trabalho constituiu-se em 2002 a Chica Amorica - Oficina de Brinquedos Populares, agregando algumas mulheres do Concelho de Montemor-o-Novo, formadas nos Cursos realizados em Lavre e Ciborro.

Na produção e comercialização destes objectos de memória, testemunhos de vivências rurais no Alentejo, orienta-nos a procura de autenticidade, pelos materiais e técnicas utilizados e pela pesquisa etnográfica que os sustenta, possível pelo percurso de investigação - acção que está na base deste projecto de desenvolvimento. Orienta-nos ainda uma vontade de estimular na população local em geral, e nas formandas em particular, o gosto por estes objectos, frequentemente desvalorizados, porque associados na memória recente a um passado de pobreza e vida difícil.

Construídos com materiais existentes no meio natural e doméstico, com recurso a técnicas de produção essencialmente manuais, os brinquedos produzidos pela Associação procuram ser, ao nível das matérias-primas e representação, reproduções dos modelos do brinquedo popular: bola de trapos, boneca de trapo, gaiola de grilo, espingarda de cana, animais em cortiça ou bolotas, bicicleta, carroça, carrinha, tractor, boneco articulado, jogos como o das pedrinhas e do galo. Mas nunca tendo sido o brinquedo popular um objecto estático, tem-se procurado inovar, produzindo novos modelos, em resposta a novas necessidades na área do lúdico e didáctico. A inovação, procuramo-la menos nas matérias-primas e mais na forma e no uso. Temos produzido bonecos de época, personagens do conto popular, móveis, pufs, marionetas, puzzles, novos modelos de brinquedos articulados.

Deslocados dos contextos originais de produção e utilização, o que representam hoje os brinquedos populares? Que destinatários, que contextos para o seu usufruto? Actualmente, para os que procuram este tipo de objectos (maioritariamente adultos) a sua função representativa remetendo para outras infâncias, brincadeiras, memórias do mundo rural, parece sobrepor-se à função lúdica. A função representativa ligada ao conhecimento e experiência dos contextos de produção e uso do brinquedo popular é hoje fundamental no seu usufruto pelo adulto. Associa-se a uma sede de conhecimento sobre

a cultura material do mundo rural no Alentejo; à procura de raízes, de uma ligação à terra; e à valorização do passado e das identidades locais.

Para as crianças, se em alguns brinquedos populares o sentido lúdico é evidente e imediato (bolas, carros, bonecas, bonecos articulados), outros necessitam ser descodificados (gaiolas de grilo, espingardas de sabugo, saquinhos com botões, etc.) por familiares e educadores. Sendo os brinquedos populares objectos abertos, prontos a serem acrescentados e modificados conforme o desejo e criatividade, estimulam na criança, um outro tipo de relação com o brinquedo, em que esta é criadora e não proprietária. O potencial pedagógico do brinquedo popular é, também, enorme no activar de memórias e estimular de estórias. Pela sua ligação ao meio local, ao passado reforçam na criança a consciência de uma cultura material e de uma identidade que a diferenciam e distinguem num mundo cada vez mais uniformizado, como espelham os brinquedos industriais.

Também a paisagem e os seus recursos naturais e patrimoniais deram origem a um projecto que propõe a redescoberta e interpretação do território rural. Os "**Passeios da Primavera** - À Descoberta de Paisagens e Lugares Além Tejo", concebidos e organizados anualmente pela MARCA-ADL desde 1999, compreendem cerca de seis percursos temáticos no espaço rural alentejano (Montemor-o-Novo e Évora). O projecto nasceu da reflexão sobre debilidades e potencialidades do território e de uma análise dos contextos que motivam a procura de novas práticas ligadas ao turismo cultural e de natureza. Acompanha a diversificação de actividades de eco-turismo e pedestrianismo, mas pretende ir mais longe, promovendo alternativas criativas para o desenvolvimento dos territórios rurais, em resposta a um desejo crescente de aproximação à natureza e de conhecimento e fruição dos valores e saberes do mundo rural.

Do entendimento das mudanças recentes no tecido social alentejano e das transformações na paisagem (diminuição da actividade agrícola, desertificação dos campos, decréscimo demográfico e envelhecimento das populações) nasceram as linhas identificadoras deste projecto. Há alguns anos persistia uma ocupação do território rural que se reflectia numa utilização sustentada dos recursos naturais (florestais, agrícolas,...), num conhecimento empírico dos elementos naturais (plantas, animais...) pelos habitantes, com a natural atribuição de sentidos e estórias a lugares especiais na paisagem. Com a desertificação dos campos, poucos são hoje os que conhecem as narrativas e antigos nomes dos lugares.

Numa região que necessita de novas vias para o desenvolvimento dos espaços rurais aliando a diversificação de actividades à inovação, procurou-se, em resposta ao desejo de reaproximação ao

mundo rural por parte de segmentos das populações urbanas, qualificar recursos locais desencadeando dinâmicas de desenvolvimento e participação de cidadãos e agentes locais.

A experiência da associação permitiu avaliação das potencialidades locais para o desenvolvimento de passeios pedestres. Na base do projecto esteve o inventário dos caminhos e valores naturais e patrimoniais associados, o estabelecimento de contactos e parcerias com proprietários, empresários turísticos e a criação de uma rede de colaboradores (artesãos, pastores, ervanários e investigadores da área da história, arqueologia, etnografia, biologia, geologia) que conferissem conteúdos aos percursos.

No contexto do alargamento da oferta na área do eco-turismo, passeios pedestres e caminhadas, procurou-se uma identidade para o projecto - um programa original com qualidades diferenciadoras em relação às ofertas existentes - a qual assenta na interpretação da paisagem com recurso a guias especializados. A sua especificidade reside no estimular da interpretação do território através da conjugação de diferentes olhares. Os passeios temáticos são exercícios de procura de sentidos orientados para "sítios especiais" e reencontro com saberes e memórias.

Nos "Passeios da Primavera" percorrem-se caminhos de terra, cursos de ribeiras, trilhos de comboios desactivados, acompanhados pelos que vivem ou estudam o território, à procura dos vestígios menos visíveis ou conhecidos do património cultural e natural. Colaboram no projecto, orientando as caminhadas pelos campos, zoólogos, botânicos, arqueólogos, historiadores, geólogos, contadores de contos, pastores, artesãos, ferreiros, antigos mineiros e ervanários. Articulado saber popular e saber científico, ouvindo estórias, questionando e evocando memórias e vivências, descodificando vestígios à luz da arqueologia, etnografia, biologia, geologia, procura-se vivificar e valorizar o gosto pela descoberta da paisagem e a aproximação entre dois mundos, o rural e o urbano.

Plantas medicinais e aromáticas, fauna e flora, paisagens megalíticas e astronomia, povoamento medieval, mineração antiga, contos populares e tradição oral, cozinha rural alentejana, profissões antigas são alguns dos temas de percursos que já trouxeram à região, na Primavera, muitas centenas de participantes. Uma forma diferente de fruir, conhecer e valorizar as paisagens e o património, potenciando novas valências aos territórios rurais e seus habitantes, no respeito pelos princípios do desenvolvimento sustentável.

Os Passeios da Primavera, enquanto iniciativa de uma associação da sociedade civil, têm-se assumido neste processo como uma actividade inovadora e manejável revelando novas formas de articulação com o território local e estimulando dinâmicas de desenvolvimento.

As **plantas medicinais e aromáticas** e os usos que as populações têm desenvolvido em seu torno são elementos fundamentais do património natural e cultural do Alentejo. A utilização de ervas aromáticas - poejos, coentros, hortelã, segurelha, louro, orégãos, hortelã da ribeira, funcho,... - no tempero do porco, borrego, peixe, migas, sopas de pão, cozidos vários. As ervas espontâneas - alabaças, espargos, beldroegas, alcachofras, arrabaças, acelgas, catacuzes, saramagos, cardos... - como ingredientes de uma cozinha pobre, mas criativa e variada. O uso de diversas plantas, como o junco, buinho, sabugueiro, alecrim, arruda, no quotidiano das pessoas: na habitação tradicional, na produção de mobiliário, nas brincadeiras de crianças, nas festividades cíclicas, nas crenças populares, ...

Numa época em que a figura e função do médico não eram ainda acessíveis nos meios rurais, existia também nas zonas rurais um saber empírico sobre a utilização das plantas na medicina popular que passava de geração para geração, mantido vivo por mulheres, ervanários, boticários, pastores, ferreiros, ferradores, barbeiros, virtuosos...

O trabalho desenvolvido em torno das plantas medicinais e aromáticas, em estreita colaboração com o Mestre Salgueiro, ervanário octogenário com um profundo saber sobre as aplicações medicinais da flora local, esteve na origem da edição da sua obra pela associação: "Ervas, usos e saberes. Plantas medicinais no Alentejo e outros produtos Naturais" que pretende registar antigos saberes sobre a utilização das ervas na medicina e quotidiano das populações; e da organização anual de percursos pedestres, com a sua orientação, com vista à identificação de plantas e suas aplicações medicinais

No sentido de potenciar o trabalho de recolha e registo de saberes que a MARCA-ADL desenvolve há alguns anos, estão neste momento em fase de candidatura o projecto de *Inventariação, gestão e conservação das plantas aromáticas e medicinais do Sítio de Monfurado* e o *Curso de formação em colheita, produção e comercialização de Plantas medicinais e Aromáticas*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção da MARCA-ADL em Montemor-o-Novo tem procurado um diálogo de valores e sistemas identitários entre a tradição e a modernidade, na definição de um modelo de desenvolvimento local qualificado e inovador. Os projectos que temos dinamizado, em articulação com a intervenção de outros agentes, demonstram que existe empreendedorismo, criatividade e inovação num território frequentemente associado a baixos índices de iniciativa. Em Montemor-o-Novo surgem novos protagonistas, integram-se vontades e energias, estabelecem-se parcerias, mobiliza-se a participação e cidadania, valorizam-se as potencialidades e as capacidades locais e aos poucos desenha-se uma visão integrada do desenvolvimento articulando endógeno e exógeno, local e global, tradição e inovação.

Como lembra Teresa Pinto Correia reflectindo sobre o presente e o futuro do território e paisagem rural, "a verdadeira inovação e capacidade de resistência ao processo de globalização provêm mais provavelmente da procura consciente de um novo carácter, que integre a herança do passado com a procura de várias funções no presente e as expectativas em relação ao futuro." (CORREIA 2004: 8)

BIBLIOGRAFIA

BAPTISTA, Fernando Oliveira (1996), "Declínio de um Tempo Longo" in *O Voo do Arado*, Lisboa, Museu de Etnologia.

BRITO, Joaquim Pais, BAPTISTA, Fernando Oliveira, PEREIRA, Benjamim (Coord.) (1996), *O Voo do Arado*, Lisboa, Museu Nacional de Etnologia.

CEMAT (2000), *Guiding Principles for Sustainable Spatial Development of the European Continent*. European Conference of Ministers responsible for Regional Planning, Council of Europe, Strasbourg.

Correia, Teresa Pinto (2004), "A multifuncionalidade da paisagem rural. Que desafio para o futuro?" in *Pessoas e Lugares. Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+*, IIª série, nº16, Janeiro/Fevereiro.

Council of Europe (2000), *Convention Européenne du Paysage et Rapport Explicative*, Strasbourg.

European Union (1999), *European Spatial Development Perspective*, Postdam.

Cristóvão, Artur (2000), "Ambiente e desenvolvimento de áreas rurais marginais. O caminho tortuoso para uma relação potencialmente frutuosa" in *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, vol.1, nº 1, Jan./Mar., pp.46-56.

Fairclough, G. e Rippon, S. (Edit) (2002), *Europe's Cultural Landscape: archaeologists and the management of change*, Europae Archaeologiae Consilium, Brussels.

Fortuna, Carlos (1995a), "As Cidades e as Identidades: Patrimónios, Memórias Narrativas Sociais" in Santos, Maria de Lourdes Lima dos (coord.), *Actas do Colóquio Lisboa 94: Economia e Cultura*, ICS, Lisboa, p. 209-230.

Guillaume, Marc (2003), *A Política do Património*, Campo das Letras, Porto.

Jorge, Vitor Oliveira (2003), *Olhar o Mundo como Arqueólogo*, Quarteto, Coimbra.

Observatório Europeu Leader (2001), "A Valorização do Turismo de Passeio Pedestre nos Territórios Rurais. Guia Pedagógico sobre a Elaboração e Execução de um Projecto de Passeio Pedestre", *Inovação em Meio Rural*, caderno nº12, Leader II.

Oliveira, Catarina (2003), "Passeios da Primavera. Percursos pedestres na interpretação e valorização das paisagens rurais" in *Turismo Em Espaços Rurais*, Edições IPC, Coimbra.

Oliveira, Catarina (2002), "Que futuro para o brinquedos popular? Memórias passadas, práticas presentes. Uma experiência de produção e comercialização de objectos de memória" in *Actas da 9ª Conferência Internacional de Ludotecas*, Lisboa.

Paysage au Pluriel. Pour une Approche Ethnologique des Paysages, Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, Paris, 1995.

Ramos, Isabel Loupa e Correia, Teresa Pinto (1999), "As Identidades Locais em Espaço Rural: As Tradicionais e as Novas Funções da Paisagem Rural" in *Actas da Universidade de Verão*, Montemor-o-Novo (no prelo).

Ribeiro, Orlando (1998), *Portugal: O Mediterrâneo e o Atlântico*, 7ª Edição, Livraria Sá da Costa, Lisboa.

Silvano, Filomena (2003), "Patrimonialização do Espaço e Afirmação Identitária. Construção cultural de paisagens na Área Metropolitana de Lisboa" in *Almadan. Arqueologia, Património, História Local*, IIª Série, nº 12, Dezembro, pp.129-134.

* *Catarina Oliveira, natural de Lisboa, 1972*

Presidente da Direcção da MARCA-ADL onde, entre outros projectos, é responsável pelo Telheiro da Encosta do Castelo, organiza os Passeios da Primavera, orienta o trabalho em torno dos Brinquedos Populares e tem acompanhado actividades em torno das plantas medicinais e aromáticas.

Licenciada em História - Variante de Arqueologia (1994) e Mestre em História Regional e Local (1999) pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Doutoranda em Antropologia, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Tem desenvolvido projectos de investigação e valorização sobre património cultural, cultura material e paisagem rural. Publicou um livro e diversos artigos e roteiros sobre arqueologia, história e etnografia da região Alentejo.